PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: Luiz Gonzaga Belluzo

BIOGRAFIA: Economista brasileiro, foi Ministro da Fazenda durante

o governo de José Sarney e aconselhou o presidente Lula.

INT. CASA DO BELLUZO / DIA

BLOCO 1

NARRADOR

Luiz Gonzaga Belluzo é um dos mais importantes economistas brasileiros. Professor da UNICAMP, participou do núcleo econômico de mais de um governo e contribui regularmente com a imprensa. Nesse bloco ele vai fazer uma análise histórica da crise de 2008 e mapear quais são as críticas do capitalismo contemporâneo.

BELLUZO

Eu vejo essa crise como o desfecho VINHETA: "A história da crise econômica" de um período de tentativa de você reabilitar uma forma de capitalismo que tinha sido já deixada para trás pelas FOTO: Conferência de Bretton-Woods reformas, pelas competições, pelas políticas dos anos que se seguiram imediatamente aos anos da guerra mundial. Com a crise dos anos 70, a chamada a crise da estagflação que já revelava um desgaste, a perda de vitalidade daquele estilo de desenvolvimento de implicações internacionais, a construção do sistema de Breto Nunes, no meu juízo capenga, da

maneira que foi concebido por conta da permanência de uma moeda nacional como moeda reserva, uma crítica que já havia sido feita por um grande economista chamado Roberto Tirffin, porém o sistema funcionou, digamos, virtuosamente na maioria dos caso, FOTO: Robert Triffin inclusive para nós outros com as políticas de desenvolvimento nacional, mas ali o que predominava era a persistência das políticas nacionais de crescimento. Nós tivemos milagres de recuperação da Alemanha, do Japão, da Itália, não é? É claro que isso tem a ver com o reerguimento do pós-guerra e com um papel, eu diria, interessado e ao mesmo tempo generoso em impedir que os países que ficaram aquém da cortina de ferro pudessem resolver seus problemas sociais e econômicos de uma maneira virtuosa. Eu me lembro que alguém me contou que o economista Michal Kalecki, já da Polônia ele dizia: - Nós nos sacrificamos para que FOTO: Michal Kalecki eles vivessem bem. Eles são os países da Europa e mesmo dos Estados Unidos. Esse modelo chegou a esse desfecho do estagflação, e a ideia, como disse alguém, o Hobsbawm repetiu, era acabar com tudo FOTO: Eric Hobsbawm aquilo. Então foram iniciadas as tentativas e desregulamentação, de limpeza do terreno para que o capitalismo pudesse desenvolver livremente as suas forças, o chamado neoliberalismo, não é? É preciso ficar claro que os protestos contra o

Estado muito grande, a participação abusiva dos sindicatos, etc., no fundo era uma forma de você liberar as forças concorrenciais, as forças mais típicas no capitalismo concorrencial, ainda que você não tivesse conseguido voltar completamente para trás, porque isso é uma ilusão, o que você montou foi um sistema em que você se deu livre curso, a globalização e a liberação dos mercados brasileiros, a regulamentação e progressivamente a liberação das contas de capital. Isso foi um processo que transcorreu no início dos anos 80, desde a subia da taxa de juros pelo Federal Reserve, pelo Volcker, que na verdade desbaratou as tentativas de você rever o Sistema Monetário Internacional, porque nos anos 70 a inflação americana e europeia altas, sobretudo a americana estava corroendo a função de reserva do dólar e a resposta americana foi colocar de joelhos os devedores da periferia, nós e os europeus, que tiveram a ideia da conta substituição. Tiveram a ideia de substituir o dólar por uma cesta de moedas em cima da qual você emitisse direitos especiais de sagues. É um ativo de liquidez internacional que fosse administrado por uma autoridade internacional central, que seria o fundo monetário. Porém os Estados Unidos reagiram dessa forma e as consequências dessa reação estão no desenvolvimento depois as questões que é a valorização do dólar, o déficit americano, o impulso que foi dado aos países asiáticos, que na verdade se valeram dessa situação, sobretudo nos anos 80 para expandir, não só as suas importações, mas também para tornar competitiva as suas internacionais, o caso dos japoneses e dos coreanos, não é?

FOTO: Paul Volcker

Os próprios bancos japoneses começaram a ter um peso maior no circuito financeiro internacional. Isso, esse momento dos anos 80, teve várias marchas e contramarchas, como os acordos que na verdade seguraram pouco a valorização do dólar, para depois desvalorizá-lo, portanto, e que acabaram gerando a crise japonesa. A primeira crise japonesa nasce desse momento da liberalização financeira do Japão, e da incapacidade da economia japonesa de suportar aquilo, porque a construção da economia japonesa entre a grande empresa, o banco principal e a alta taxa de endividamento das empresas e de investimento, que depois foi replicado por outros países, - a China, por exemplo, replica em ponto grande o Japão, a diferença na verdade é que na China... no Japão você teve pouquíssimo investimento externo e na China você teve esse modelo, digamos, de cooperação e de transformação entre a empresa estatal e a empresa estrangeira. A China adotou também um modelo fundado na competitividade das suas exportações e na graduação tecnológica muito rápida, amparada por uma taxa de investimento sempre muito alta. É uma economia aonde você tem o máximo de competição, são empresas na esfera produtiva competindo entre elas violentamente, e ao mesmo tempo o máximo de controle porque o comércio exterior, o câmbio sobretudo, e o sistema financeiro ficaram nas mãos do estado. Então é uma combinação muito peculiar, não é? E que dá na verdade em grandes linhas do modelo chinês é isso, e se valendo das transformações que foram ocorrendo ao longo desse período. Quando eu falei da valorização do dólar, da subida da taxa de juros da valorização do dólar, e essa valorização persistiu durante algum tempo, mesmo depois das taxas de juros terem caído, - eu estou falando da migração da empresa americana para fora dos Estados Unidos, e essa migração se deu sobretudo nesse período pra Ásia, não

FOTO: Linha de produção na China

para o Japão e pra Coréia, mas sobretudo pra China. Você criou um cluster manufatureiro na Ásia, inclui a China, Taiwan, Vietnã, agora o Camboja, os países que estão em torno ali da China, que estão bafejados pelo desenvolvimento chinês, e onde se criou um cluster manufatureiro que hoje é o mais importante do mundo, não é? O desenvolvimento da China foi extraordinariamente rápido e se você for olhar o movimento, digamos das curvas como dizem os economistas, nesse período todo de liberação financeira, e produtiva de migração das empresas, quando você olha a organização, as determinações desse modelo, não é? Você percebe claramente que no centro dele como fator, digamos, determinante, como a variável independente está o movimento de capitais, sobretudo para o mercado americano. O pessoal diz: - Não, mas o Greenspan tem as taxas de juros muito baixas e isto especulou a especulação, ele FOTO: Alan Greenspan não tomou medidas prudenciais. Mas o fato é que não foi o Greenspan, foi o movimento de capitais, mas sobretudo da Europa e também do resto do mundo, a cada crise que ocorria havia fuga para a qualidade, o movimento de capitais da Europa, o rearranjo de portfólios, como se diz, da Europa para os Estados Unidos cujo mercado é mais líquido, mais profundo, não é? Isso favoreceu duas coisas: taxa de juros muito baixas e inovações financeiras para aumentar a rentabilidade das aplicações, não é? E isso deu origem a duas bolhas, a bolha dos anos 90, aquela das empresas de tecnologia que terminou em 2001/2002 e depois logo em seguida, na recuperação entre 2002/2003 que inicia a recuperação, a bolha imobiliária, não é?

FOTO: Apple Store em Hong Kong

Isso é incompreensível sem essa construção, não é? Então, a bolha imobiliária é uma bolha também de consumo, não é? Porque isso rebate no déficit comercial de transação correntes dos Estados Unidos. Você tem então superávit de capitais, déficit na conta corrente, determinado pelo movimento de criação de crédito e de inflação de ativos dentro dos Estados Unidos, não é? Porque você criou uma catraca na medida em que os ativos, sobretudo os imobiliários, valorizava, você extraia mais valor; você tomava mais crédito para consumir e isso batia nos produtivistas asiáticos, sobretudo nos chineses, não é? Daí a verdadeira complementaridade entre o déficit americano e o superávit chinês. É impressionante, se você traçar a curva ver você vai que é u m a complementaridade incrível, não é? Aí vem a estória de que os chineses poupam muito. Tolice, não é? Isso é uma bobagem. Os chineses na verdade produzem muito. Numa relação câmbio/salários, produtividade/salários muito elevada, não é? Quem poupa são as empresas americanas que estão lá, que geram superávit comercial em boa medida, não estou dizendo só, não é? Então o circuito financiamento, gasto, produção lá, formação da renda e déficit agui superávit lá, a conta é fechada pela compra, pelos chineses de títulos públicos americanos,

certo? Só que a determinação não é da poupança para o gasto, é o contrário, é do gasto para o investimento e para a poupança, não é? É um modelo fascinante esse, não é? A Europa replicou um pouco isso na relação da Alemanha com os países da periferia, chamados PIGS, que é uma denominação convenhamos um tanto quanto pouco correta, não é? Mas então, os periféricos funcionaram aí ao contrário; os periféricos funcionaram como demandantes do mais rico, financiados por eles mesmos, não é? Essa estória de que é uma crise da dívida soberana, isso é uma tolice, isso é uma crise das dívidas privadas que foram transformadas em dívidas públicas, por conta das medidas de defesa contra o crash que sobreviria, logo depois da quebra do Leman, isso para não falar do fato que os mercados estavam todos integrados, não é? Se você observa um fenômeno como a Islândia, por exemplo, que é um fenômeno patológico, aliás a Islândia resume toda a patologia desse momento, não é? Patologia eu não sei, talvez a normalidade dentro do... Eu diria a normalidade. As pessoas comecam a falar em "novo normal". Que "novo normal"? O capitalismo não tem normalidade. O normal é o excesso. O normal é o excesso, não é? Ele deixado, de acordo com suas leis de movimento, ele na verdade se lança no excesso. E é preciso ter claro o seguinte: que na verdade ele tem essa dupla natureza, é capaz de criar potencial enorme de criar riqueza e ao mesmo tempo potencial enorme de criar estabilidade, de jogar as pessoas fora do barco, não é? De atirar as pessoas fora do barco, de gerar pobreza, não é? Se não compreender que ele tem essa dupla natureza, a natureza fáustica de criar riqueza de amaneira assim incontrolável, mas ao mesmo tempo ele gera miséria, ele gera desocupação. Na caminhada dele ele destrói. Quando o pessoal fala em destruição criadora, eles não sabem

FOTO: Angela Merkel

a profundidade do que eles estão dizendo, porque é a medida que ele avança, não é? Avança de acordo com suas leis de movimento, ele vai também criando, vai destruindo, não é?

ENTRA VINHETA PRO COMERCIAL

BLOCO 2:

NARRADOR

Nesse Bloco o economista Luiz Gonzaga Belluzzo vai sugerir quais são as condições adequadas para encaminhar as crises da economia contemporânea, e descrever quais as diferenças do capitalismo ontem e hoje.

BELLUZO

Qual era a concepção - voltando um pouco para trás - dos anos do pós-guerra? É que era preciso preservar suas virtudes e enclausurar seus defeitos, não é? Ou seja, não permitir que ele transformasse a vida das pessoas reais, concretas, num pesadelo. Mas o pesadelo não é só para os subalternos, para o subordinado; o pesadelo é também para aqueles que são protagonistas da vida econômica. É a destruição das subjetividades. A transformação dos indivíduos em coágulos monetários, em gente que só se preocupa, que é carregada pelo- como dizia o Keynes: - "The Love of Money". - O amor ao dinheiro. Essa concepção daqueles que construíram as constituições do pósguerra.

ENTRA VINHETA DE RETORNO DO PROGRAMA

VINHETA: "Capitalismo ontem e hoje"

FOTO: Pôster do filme "O Lobo de Wall Street"

Qual era a concepção - voltando um pouco para trás - dos anos do pós-guerra? É que era preciso preservar suas virtudes e enclausurar seus defeitos, não é? Ou seja, não permitir que ele transformasse a vida das pessoas reais, concretas, num pesadelo. Mas o pesadelo não é só para os subalternos, para o subordinado; o pesadelo é também para aqueles que são protagonistas da vida econômica. É a destruição das subjetividades. A transformação dos indivíduos em coágulos monetários, em gente que só se preocupa, que é carregada pelo- como dizia o Keynes: - "The Love of Money". - O amor ao dinheiro. Essa concepção daqueles que construíram as constituições do pósguerra. Bem ou mal, tanto os americanos quanto os europeus, quando eu penso em Dexter White, por exemplo, o Dexter White era um sujeito que seria considerado progressista de esquerda ou muito de esquerda hoje. Provavelmente seria atropelado pelos republicanos. Uma outra dimensão desse processo todo, que é o mais importante, é que todas as esferas da vida foram subordinadas, apropriadas pelos nexos monetários, ou seja, pelas relações capitalistas. Há o entretenimento, os meios de comunicação; e isso tem uma importância enorme porque nós estamos falando de liberdade de imprensa, não é? Como se nós tivéssemos ainda no século XVIII, como escreve o Harbemas. Não estamos no século dezoito, nem estamos nos primórdios do século dezenove. No fim do século dezenove você já tinha essas grandes organizações de comunicação. E hoje a coisa se tornou pior. Se tornou assim o único motor motivo dos meios de comunicação é você conquistar a audiência, e, portanto, você ampliar seu espaço, ganhar mais market share, não é isso? Muito bem, eu fui ver outro dia o filme do Woody Allen "Para Roma com Amor", e adoro.

FOTO: Dexter White e Keynes

FOTO: Jürgen Habemas

FOTO: Pôster do filme "Para Roma, com amor"

Como sempre Woody Allen é um crítico imperdível dessa nossa sociedade e ele tem uma linha de mais erudição que faz falta aos outros cineastas, uma erudição incrível que é benfazeja. Eu rio muito, porque a maioria das pessoas não entendem o que ele está falando, tudo bem, mas nesse filme há um episódio com o Roberto Benigni, que faz um homem de classe média e que de repente é abalroado pela fama a partir de uma entrevista e é notável o que ele faz; uma entrevista em que o Benigni é perguntado, a entrevistadora diz: - O que o senhor tomou no café da manhã? - Ele responde: - Não, acho que eu tomei café, late, pane - Ah sim, pão. E como é que o senhor tomou o pão? O pão é torrado ou é assim natural? -Ele falou: - Acho que é torrado. - Porque que você toma torrado? - Ele se transformou numa celebridade - você vê no filme - a partir dessas banalidades entende? E eu nunca vi tão bem colocada essa questão. Ele exprimiu tão bem como é que é a sociedade de massas controladas por meio de comunicação concentrados. Esse é o problema que a gente tem que tratar. Agui no Brasil se você mencionar ou usar tratar do problema, ou seja, você está pondo a liberdade de expressão quando na verdade é o seguinte: nós estamos a favor da autonomia do indivíduo, que o indivíduo não seja manipulado. Que ele tenha a capacidade crítica de resistir a uma coisa dessa. O que se observa hoje no Brasil e em outras partes - ele fez isso em relação a Itália, que é um país em que as pessoas veem muito a televisão, mas eu posso transplantar isso para os Estados Unidos e pode transplantar isso para o Brasil. Outro ia eu entro num restaurante tem uma menina discutindo a sério esse negócio de "Ultimate fighting", essa luta que é uma encenação da pior qualidade, é uma exploração da estupidez humana que não tem... Isso me preocupa muito.

FOTO: Still do filme "Para Roma, com amor"

O que mais me preocupa no capitalismo hoje é essa incapacidade das pessoas de resistirem ao massacre das forças impessoais; tanto as forças econômicas propriamente ditas, como os aparelhos culturais que estão construindo. Isso é o que me preocupa muito mais do que qualquer outra coisa. Eu acho uma coisa triste, deprimente. Eu nasci em 42, estou completando 70 anos, portanto um momento de grande esperança, os ideais mais nobres do iluminismo, da modernidade. Eu acho a modernidade uma grande invenção da modernidade, uma grande invenção porque tirou o homem daquela dependência pessoal, daquele ancien regime, com aquela brutalidade que o caracterizava. Eu tenho uma grande admiração por Beccaria, por exemplo, que FOTO: Gravura de Cesare Beccaria criou os princípios da lei penal moderna; por todos eles, pelos iluministas, pelos liberais. Pelos liberais ingleses, como Keynes, por exemplo que sabia que liberalismo era um projeto de liberdade; então isso é o que está em questão nessa crise. Como é eu nós vamos levar adiante esse projeto de liberdade que está lá nas origens iluministas na nossa modernidade. Isso é o que todos eles trataram, sobretudo o Marx tratou nessa questão. O primeiro capítulo do meu livro, o Marx um Democrata Radical, é o eu ele era. O problema é que, por circunstancias históricas o socialismo foi se instalar logo aonde não devia (riso), ele mesmo dizia isso, - Aonde não devia, francamente. Não dá, você olhar segunda servidão no século dezenove. Não pode ter socialismo, ali foi uma dessas coisas, uma das ironias, um dos ardis da razão, mas enfim, é isso que eu vejo hoje. Vejo uma guestão difícil de ser resolvida na Europa porque eles vão ter que enfrentar - do jeito que as coisas vão, eu estou muito pessimista. As instituições políticas, reduções de representação dos partidos políticos não têm mais como apanhar essa insatisfação

FOTO: John Maynard Keynes

FOTO: Karl Marx

FOTO: Pôster de propaganda da Revolução Russa

que está difusa na sociedade, e não representar isso adequadamente. Eu espero eu seja apenas uma coisa dolorosa, de trajetória dolorosa, mas que termine com a reconstituição das instituições, no avanço das instituições do estado bemestar, porque se não nós vamos ter a barbárie, porque não dá para você reinstaurar, como muitos querem, como parece que reinstaurar as regras do capitalismo duro. Você tem que caminhar para um outro arranjo social, outro pacto, só que vai além do estado do bem-estar, e isso supõe, em todos os casos supõe você fazer um reestudo, uma revisão na economia internacional, porque nas discussões que você está vendo hoje, primeiro, vai ser muito difícil você encaminhar de maneira adequada controles, mais do que controles, coordenação, que é essa a palavra, na competição desvairada que você está observando hoje, inclusive por parte dos chineses. Então quando se discute a questão da competitividade e etc., há uma ilusão de que você vai empurrar todos os países para um nível de competitividade que seria altamente destrutiva, não é? Você precisa de um mínimo de coordenação. E coordenação do comércio internacional, do movimento produtivo do aumento de capitais. Os que pensaram isso a partir da experiência da grande depressão e dos aos vinte, eles pensavam no sentido de impedir que essas regras do máximo de competição de você derrotar o vizinho, impondo ao vizinho um dano enorme ao ocupar o seu mercado -Kennedy diz isso claramente, quando ele termina a teoria geral, no capítulo final, é impossível, você não vai resolver essa questão assim. Você só vai resolver essa questão, encaminhar essa questão da maneira que eu imagino que é melhor para todo mundo, você só vai resolver isso se tiver o mínimo de coordenação para permitir que a economia se aproxime -

já que ela se distanciou - que a economia de aproxime da vida das pessoas, da última pessoa, a mais pobre. Da última pessoa que a gente vai usar o raciocínio maximalista, a última pessoa, a mais pobre. Isso é que será o sucesso de saída dessa crise. Eu tenho minhas dúvidas de que isso seja assim.

ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO